



UM ESTUDO DE MORFOLOGIA URBANA NA CIDADE MÉDIA: O CASO DE POÇOS DE CALDAS (MG)

Eduardo de Araujo da Silva¹

RESUMO

O presente artigo expõe um estudo da forma urbana de Poços de Caldas (MG). Classificada como cidade média, esta apresenta uma série de particularidades locais em função do processo geológico que deu origem ao Planalto de Poços de Caldas. As características físicas locais são: sítio urbano formado por terrenos declivosos, aparecimento de águas hidrotermais por corrente de gases de alta profundidade e de recursos minerais devido à exposição de rochas por milhões de anos. Além da forma (material) da cidade, considera-se que a economia local se processou em torno dos recursos naturais, no que, atualmente, a cidade apresenta atividades atreladas ao turismo das águas sulfurosas, atividades de mineração e industrialização de minerais. Essa diversidade de atividades econômicas firma a importância de Poços de Caldas na região do Sul de Minas. Em linhas gerais, a partir deste estudo, foi possível apreender a relação dialética entre espaço e sociedade. Evidencia-se que a forma do sítio urbano mostrou-se mais determinante na forma urbana durante as primeiras décadas de formação e consolidação da cidade, mas com o desenvolvimento urbano e econômico, a topografia ficou em segundo plano, em detrimento dos interesses e ações dos agentes políticos e econômicos. Observa-se a justaposição de planos urbanos, propostos em diferentes períodos históricos. Essa justaposição de formas (e tempos) se expressa na heterogeneidade das áreas ocupadas. Há uma multiplicidade de paisagens urbanas, cada uma com seus conteúdos sociais, funções e estrutura.

Palavras-chave: Forma urbana, Plano urbano, Espaço urbano, Estrutura intraurbana.

ABSTRACT

This article presents a study of the urban form of Poços de Caldas (MG). Classified as a medium-sized city, it presents a series of local particularities due to the geological process that originated the Poços de Caldas Plateau. The local physical characteristics are: urban site formed by sloping terrain, appearance of hydrothermal waters by high-deep gas current and the mineral resources due to the exposure of rocks for millions of years. In addition to the (material) form of the city, it is considered that the local economy revolved around natural resources, in which, currently, the city has activities linked to sulfurous water tourism, mining activities and mineral industrialization. These diversities of economic activities sign the importance of Poços de Caldas in the southern region of Minas Gerais. In general lines, from this study was possible to learn about the dialectic relation between space and society. Stands out, that the form of the urban site seems to be more determinant in the urban form during the first decades of formation and consolidation of the city, but with an economic and urban development, that topography is left in second place, to the detriment of the interests and actions of political and economic agents. The overlap of urban plans is observed, proposed in different historical periods. This overlapping of form (and times) is express by the heterogeneity of the occupied areas. There are a multitude of urban landscapes, each one with their social content, function and structures.

Keywords: Urban form, Urban plan, Urban space, Intra-urban structure.

¹ Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO UNIFAL-MG) da Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais. Graduado em Geografia pelo IFSULDEMINAS - campus Poços de Caldas/MG. E-mail: eduardosilva.geografia@gmail.com



INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as cidades médias brasileiras apresentam longo histórico, com início datado nos últimos anos da década de sessenta e início dos anos setenta do século XX, tendo uma crescente multiplicação de pesquisas sobre a temática nos anos noventa e no início do século XXI. No que se refere aos primeiros trabalhos que apontam para o começo desses estudos, há a tese de doutoramento do geógrafo francês Yves Leloup *Les Villes du Minas Gerais*, publicada em 1970, que apresenta características regionais das cidades de Minas Gerais, assim como características das cidades de porte médio e dos organismos urbanos elementares (AMORIM FILHO, 2007).

Logo depois, no início da década de setenta, Amorim Filho (1973) demonstrou, em sua tese de doutoramento, que os aspectos relacionados às funções de intermediação na rede urbana e as posições geográficas das aglomerações urbanas são tão – ou até mais – importantes quanto o tamanho demográfico para a caracterização das ditas “cidades médias” (AMORIM FILHO, 2007).

A partir dos estudos geográficos mencionados, assim como dos diversos outros publicados posteriormente, compreende-se a elevada importância das cidades médias no Brasil, isto porque elas desempenham papéis intermediários entre as grandes e pequenas cidades, participam ativamente da produção em espaços rurais, comandam a produção a nível regional e apresentam considerável diversidade de atividades econômicas em seus territórios urbanos (AMORIM FILHO, 2007; CORRÊA, 2007; SOARES, 2007; SPOSITO, 2007; WHITACKER, 2007).

Isto significa que apesar da importância do critério demográfico, este sozinho é insuficiente para definir a “cidade média”. Além dele, é necessário considerar outros aspectos da aglomeração urbana, tais como: suas relações espaciais, suas funções internas e na rede urbana, seus agentes sociais, sua organização intraurbana, dentre outros. Com isso, várias abordagens podem ser realizadas ao estudar as cidades desse nível hierárquico (CORRÊA, 2017).

Em função das amplas possibilidades de estudos das cidades médias, a temática está longe de se esgotar (CORRÊA, 2017), de modo que o estudo da forma urbana continua sendo uma abordagem promissora para a investigação. Assim sendo, com a pretensão de contribuir com o debate, o objetivo central deste trabalho é compreender a morfologia da cidade média de Poços de Caldas (MG).



ESPAÇO E FORMA URBANA

Santos (1977) interpreta a relação indissociável entre espaço e sociedade. O autor também afirma que antes, na Geografia, a sociedade tinha sido minimizada, pois geralmente a disciplina considerava o espaço como um teatro das ações da humanidade.

Pode-se dizer que a Geografia se interessou mais pela *forma* das coisas do que pela *formação*. Seu domínio não era o das dinâmicas sociais que criam e transformam as formas, mas o das coisas já cristalizadas, imagem invertida que impede de apreender a realidade se não se faz intervir a História. Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem. Pois a história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade à-espacial. O espaço, ele mesmo, é social (SANTOS, 1977, p. 81, grifo do autor).

A partir desta compreensão, da relação indissociável espaço e sociedade, de que o espaço não é apenas um receptáculo onde as ações humanas acontecem, torna-se fundamental entender que a forma do espaço não se limita apenas à materialidade (superfície e objetos construídos mais ou menos organizados), mas que a sociedade, suas práticas, sua produção e história também são parte do espaço geográfico, conseqüentemente, interferindo em sua morfologia.

No que concerne à morfologia, Miyazaki (2013) apresenta a diversidade do uso da palavra/conceito, demonstrando sua polissemia e interdisciplinaridade. O autor também ressalta a relação direta da palavra/conceito com “forma”, e que nos estudos de Geografia o conceito morfologia acompanhado do adjetivo “urbana” não está restrito apenas à forma da cidade (materialidade em si, sendo os edifícios, casas, praças, prédios mais ou menos organizados), mas também é atribuído aos conteúdos e processos espaciais.

Assim, para o estudo da forma urbana na Geografia, faz-se necessário apreender a forma a partir dos conteúdos e processos socioespaciais, considerando a forma urbana historicamente, e analisando o desenvolvimento das formas junto às mudanças econômicas, políticas e sociais (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012).

Whitacker e Miyazaki (2012, p. 322-323) sistematizam alguns pontos acerca dos procedimentos e elementos da investigação das formas urbanas:

- “o plano urbano e a evolução do plano”: neste ponto, os autores ressaltam a importância da compreensão da sobreposição de planos urbanos numa dada cidade, e que cada plano é realizado num período histórico específico. O plano urbano permite ao pesquisador compreender “[...] as diferentes etapas do crescimento da cidade, englobando sua



contraditória e desigual produção, superando-se a descrição dos tipos de plano" (WHITACKER; MIYAZAKI, 2012, p. 318);

- “as relações do plano com o sítio urbano”: é necessário considerar a relação do(s) plano(s) com sítio urbano, este último sendo o quadro topográfico (base física superficial) onde está assentada a cidade. Conforme os autores, os aspectos físicos e naturais possuem certo grau de influência na ocupação e expansão da cidade;

- “a fisionomia urbana”: os autores relacionam esta noção com o conceito de paisagem na Geografia, sendo assim, na análise morfológica, é a dimensão imediata empírica do pesquisador com a forma urbana;

- “a relação entre o que é edificado e o que não é edificado”: neste ponto, é necessário considerar que há uma relação entre o que é edificado e o que não é, no espaço urbano. Nessa análise é possível identificar os vazios urbanos e observar as disposições e dimensões das áreas públicas numa determinada região da cidade;

- “a densidade da ocupação e a identificação das áreas morfológicamente homogêneas e a heterogeneidade”: neste último ponto, os autores afirmam a necessidade da análise relacional: das áreas densas com as menos densas, da cidade com a fração da cidade (loteamento), da cidade com um conjunto de cidades, etc.

Por seu turno, Amorim Filho (2007), em *A Morfologia das Cidades Médias* (AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2007), propõe um modelo de zoneamento morfológico-funcional do espaço intraurbano para cidades de diferentes níveis de hierarquia (cidade pequena, cidade média, grande cidade, região metropolitana e megalópole), porém, o autor enfatiza o modelo para o estudo das cidades médias. Na segunda parte do referido livro, Sena Filho (2007), por meio do zoneamento morfológico-funcional, identifica as formas, funções e estruturas das cidades médias de Caratinga (MG), Manhuaçu (MG) e Viçosa (MG).

O Quadro 1 mostra a tipologia das “zonas” do zoneamento morfológico-funcional no nível hierárquico da cidade média:



Quadro 1 - Zoneamento morfológico-funcional e níveis de hierarquia urbana: cidades médias

Zona Central	Zona pericentral	Zona periférica	Zona periurbana
Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros”, de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (construções em altura; maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.	Extensa espacialmente; função residencial predominante; presença de subcentros especializados ou polifuncionais, ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos; diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças sócio-econômicas; presença de equipamentos especiais como hospitais, universidades, casernas, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.	De dois tipos: contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua, ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.	Presença de uma zona de transição urbano rural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis-fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para a cidade média.

Fonte: Amorim Filho (2007, p. 72). Adaptado.

Desde sua publicação, o modelo proposto por Amorim Filho (2007) foi consideravelmente utilizado em estudos geográficos, o que demonstra a aplicabilidade do zoneamento morfológico-funcional em diversas cidades. Isto se explica, pois, o modelo permite uma organização e simplificação dos elementos a serem estudados na cidade, sem desconsiderar a forma, função e estrutura de cada “zona” urbana.

No presente trabalho foram considerados os pontos sistematizados por Whitacker e Miyazaki (2012) para estudar a forma urbana de Poços de Caldas (MG); e para identificar e denominar as diferentes zonas da cidade foi utilizada a tipologia do modelo de zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho (2007).

METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho, foram consideradas abordagens teóricas e procedimentos metodológicos de pesquisas em Geografia Urbana, com foco na temática “cidades médias”. Para isso, houve a revisão bibliográfica em livros, artigos, dissertações e teses. Para compreender a cidade de Poços de Caldas, houve o levantamento de dados secundários em órgãos institucionais; levantamento histórico da cidade em livros, jornais locais, documentos oficiais e trabalhos acadêmicos que estudaram Poços de Caldas.



Foram registradas fotografias e descrições da paisagem urbana local em trabalhos de campo. Após a análise dos materiais coletados, foi possível observar as áreas edificadas e não edificadas representadas cartograficamente pelo poder público local. Também foram analisadas as diferenças entre áreas urbanas, onde umas apresentam maiores densidades (de população residente, de construções ou fluxos) e áreas menos densas.

RESULTADOS

Poços de Caldas localiza-se na região do Sul de Minas, junto à divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. A extensão do município corresponde a 544,42 km², em que 85,51 km² correspondem à área urbana e 458,91 km² correspondem à área rural (POÇOS DE CALDAS, 2006).

Da área total do município, aproximadamente 330,39 km² se encontram dentro do Planalto de Poços de Caldas², estrutura com cerca de 30 km de diâmetro e 800 km² de área (DNPM, 1977), que abrange parte dos municípios vizinhos. A área urbana encontra-se dentro do Planalto (Figura 1).

Figura 1 - Planalto de Poços de Caldas



Fonte: Imagens de Satélite do Google Earth Pro (2021). Adaptado pelo autor.

O processo geológico que formou o Planalto também gerou características físicas peculiares na localidade, como o aparecimento das águas hidrotermais por corrente de gases

² O Planalto foi formado durante o Cretáceo Superior, por uma volumosa massa de rochas alcalinas em estado pastoso que emergiu, rompendo a crosta terrestre (ELLERT, 1959). Devido ao fenômeno geológico, a área se elevou e, atualmente, está em até 500 metros mais alta do que as áreas circundantes. O município de Poços de Caldas tem altitude média de 1.300m, e seu relevo é composto por vales e montanhas (DNPM, 1977).



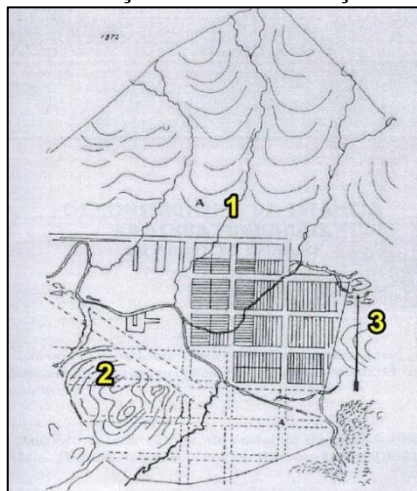
de alta profundidade e a exposição de rochas, pela decomposição da natureza, fazendo surgir jazidas de bauxita, argila aluminosa refratária e pedras potássicas. Na porção interna do Planalto, no fundo do vale, é onde estão as fontes das águas hidrotermais. A exploração das águas hidrotermais foi a primeira motivação para a criação da cidade.

Desde a fundação, a produção do espaço urbano local teve como orientação algumas particularidades do meio físico, como a forma do sítio urbano, o aparecimento de águas hidrotermais por corrente de gases de alta profundidade, e os recursos minerais devido à exposição de rochas por milhões de anos. Além da forma da cidade, considera-se que a economia local se processou fortemente em torno dos recursos naturais, no que, atualmente, a cidade apresenta atividades atreladas ao turismo das águas sulfurosas, atividades de mineração e industrialização de minerais.

O primeiro espaço urbano de Poços de Caldas foi planejado pelo Estado junto à classe dominante local. De acordo com Marras (2004), funcionários do Estado e famílias tradicionais locais somaram esforços para a realização do plano de fundar uma vila junto às águas sulfurosas que emergiam na localidade. Seus interesses foram viabilizados com o dinheiro público, pois estes estavam amparados no discurso positivista da ciência, fato este que fortaleceu suas práticas políticas e espaciais.

A Figura 2 mostra o traçado urbano proposto pelo engenheiro Soares de Couto em 1872. Em 1873, o projeto foi executado por engenheiros de renome em conjunto à Antônio Teixeira Diniz, este último pertencendo à classe dominante local (MEGALE, 1990). De acordo com Oliveira (2012), as características do quadro topográfico e os recursos naturais associados à formação do Planalto poços-caldense são fatores relevantes para a história econômica e para a formação espacial da cidade.

Figura 2 - Primeiro traçado urbano de Poços de Caldas (1872)



Fonte: Ottoni (1960). Adaptado pelo autor.



O quadro topográfico viabilizou o crescimento da cidade para certas direções. A ocupação urbana de Poços de Caldas começou no fundo de vale e sobre algumas vertentes nas áreas mais baixas do planalto, e a expansão inicial do arranjo espacial ocorreu em áreas com as mesmas condições topográficas, em cotas altimétricas de 1.050 a 1.300 metros. Na Figura 2, estão enumeradas três barreiras físicas que influenciaram na expansão inicial do espaço urbano de Poços de Caldas, sendo eles: Serra de São Domingos (1); Complexo de Santa Cruz (2); Morro do Itororó (3)³.

Nos primeiros anos de fundação, a povoação de Poços de Caldas obteve considerável desenvolvimento econômico e urbano, com a instalação de diversas infraestruturas urbanas: iluminação das vias pública, linha ferroviária, abertura de novas estradas e de largas avenidas, calçamento das ruas centrais, arborização e paisagismo das áreas públicas. A cidade tornou-se uma notável estância balneária logo nas primeiras décadas do século XX (MARRAS, 2004), cujas principais atividades econômicas estavam atreladas ao turismo de luxo, no que foram produzidos espaços destinados ao uso das águas hidrotermais e a instalação de variados cassinos.

Esse primeiro período econômico e espacial é interrompido por duas situações: em 1946, o presidente Dutra proíbe os jogos de azar no Brasil, que acarretou no invariável fechamento dos cassinos. No mesmo período, no pós-guerra, os tratamentos com águas hidrotermais tornaram-se obsoletos, pois houve melhorias técnicas nos tratamentos de saúde e no desenvolvimento de fármacos. Diante disso, houve o declínio das atividades econômicas na cidade.

Logo na década de 1950, as atividades de mineração ganharam impulso, pois chegaram à localidade novas empresas de capital estrangeiro, dos setores de mineração e industrialização (OLIVEIRA, 2012). A chegada de novas empresas elevou a atratividade de Poços de Caldas, tendo em vista que a cidade poderia tornar-se um polo industrial. Diante

³ 1- A Serra de São Domingos é um dos diques anelares mais altos formados no planalto, tendo 1.686 metros de altitude no seu ponto mais elevado. A partir do século XVIII, a serra foi objeto de disputas territoriais entre os governos de Minas Gerais e São Paulo. No ano de 1936, a serra foi demarcada definitivamente como parte do território de Minas Gerais (IEPHA-MG, 2016). 2- O Complexo de Santa Cruz é um dos patrimônios tombados pelo município na década de 1980. Seu morro tem importância histórica para a localidade, pois fiéis subiam nele para pagar promessas. Atualmente essa prática não acontece, pois ocorreu considerável verticalização nas áreas do pé do morro. 3- O Morro do Itororó se apresentou como uma barreira física no espaço urbano central durante as primeiras décadas. Durante as reformas urbanísticas ocorridas durante as décadas de 1930 e 1940, as terras do morro foram removidas e serviram para o aterramento dos parques e das áreas centrais, sendo totalmente aplainado nas décadas seguintes.



disso, populações de outras cidades e de espaços rurais afluíram para Poços de Caldas, gerando um crescimento populacional expressivo nas décadas seguintes (POÇOS DE CALDAS, 1971).

Depreende-se que, da fundação até os anos cinquenta, o espaço urbano local cresceu consideravelmente. Dessa maneira, Poços de Caldas ganhou relevância na região do Sul de Minas, de modo que, nos estudos sobre aspectos das regiões urbanas do Brasil na década de 1950 (GEIGER; DAVIDOVICH, 1961), a cidade já se apresentava como o centro urbano de maior hierarquia na região, consolidando-se como uma cidade média.

De acordo com as classificações de Geiger e Davidovich (1961), nos anos 1950, Poços de Caldas estava localizada na região urbana de São Paulo (SP), classificada como centro de 1ª Categoria. Essa categoria era das cidades que possuíam de 10 a 30 mil habitantes, que estavam em entroncamentos ferroviários e/ou que possuíam algum desenvolvimento industrial.

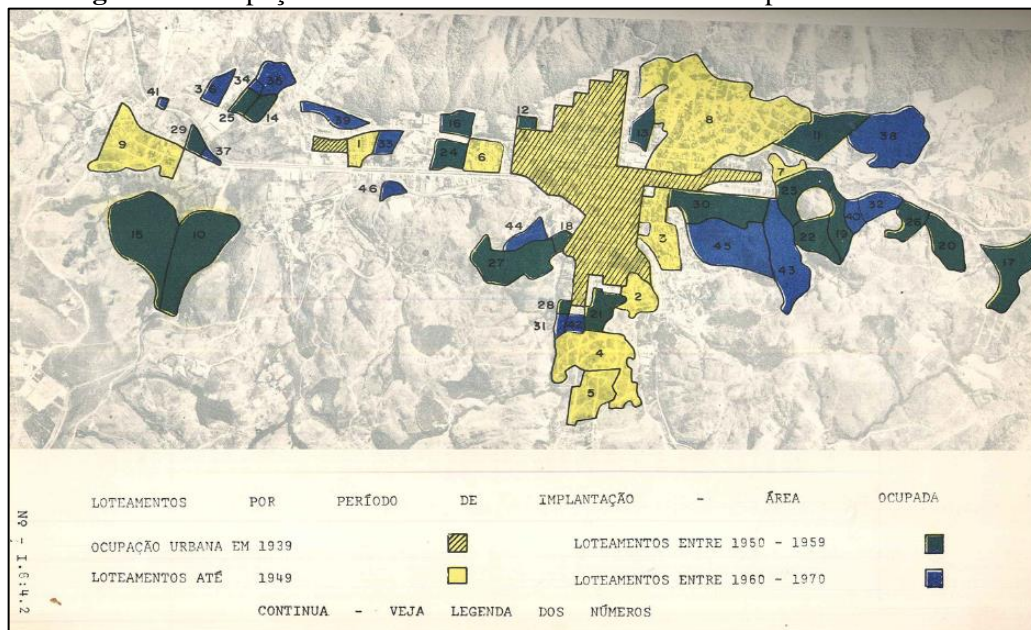
Economia e população cresceram rapidamente em poucas décadas, e o espaço intraurbano continuou a se expandir de modo contínuo, marcado predominantemente pela lógica centro-periférica. Observa-se que o crescimento populacional impulsionado pelas novas dinâmicas econômicas não acompanhou a disposição de infraestruturas locais, situação que acarretou na queda nas condições de saneamento local (SILVA, 2021).

Com a intenção de ordenar o espaço urbano local, corrigir os problemas de disfunção da malha viária e também induzir certo desenvolvimento social e econômico do município, o poder público municipal produziu um plano de desenvolvimento para a década de 1970. Para tanto, em 1968, foi realizado um diagnóstico preliminar do Plano de Desenvolvimento Integrado de Poços de Caldas por uma empresa privada. No diagnóstico foram levantadas diversas informações sobre o ambiente físico e social local. Dois anos depois, foi lançado então o Plano de Desenvolvimento Integrado de Poços de Caldas 1970/1971 – PDI (POÇOS DE CALDAS, 1971).

Em concordância com Frayha (2010), o PDI apresentou forte viés tecnocrático, pois teve como pano de fundo as circunstâncias governamentais do momento, sendo a ditadura militar e os atos institucionais do período. Para o referido autor, parte deste plano jamais saiu do papel, no entanto, a parte posta em prática teve sua importância para o desenvolvimento urbano nas décadas posteriores.



Figura 3 - Ocupação urbana até 1939 e dos loteamentos implantados até 1970



Fonte: Poços de Caldas (1971).

O primeiro traçado urbano (Figura 2) se estendeu sobre terrenos menos declivosos, e os atributos físicos continuaram a interferir na ocupação urbana até os anos finais da década de trinta. Essa situação pode ser vista na Figura 3: observa-se que, até 1939, o espaço urbano se expandiu continuamente em torno de um mesmo centro (local onde se encontra o traçado ortogonal das ruas, as áreas turísticas e as fontes hidrotermais). No entanto, formou-se uma periferia descontínua da mancha urbana, sendo o Bairro Vila Cruz. Esse bairro, com o passar das décadas, foi se constituindo como um subcentro polifuncional do setor oeste da cidade (Zona Oeste).

Entre os anos de 1940 e 1970, surgiram novos loteamentos e bairros fora da zona central, em maiores quantidades na zona pericentral. Esta última foi constituída por bairros morfologicamente heterogêneos, compostos por segmentos sociais de poderes aquisitivos variados, sendo bairros periféricos do ponto de vista socioeconômico (Aparecida) e bairros das camadas sociais de altos *status* e rendimentos (Jardim dos Estados).

Na zona pericentral, os bairros ocupados pelas camadas de altos rendimentos foram planejados, apresentam vias largas, arborização e calçadas padronizadas. No PDI (POÇOS DE CALDAS, 1971) é mencionado que, até nos anos finais de 1940, foram realizados loteamentos com lotes grandes, para que neles fossem criadas segundas residências pelas altas classes provenientes de outras cidades, visto que até nesse período predominava o turismo de cura, dos jogos e dos lazeres luxuosos em Poços de Caldas. No entanto, de início, estes

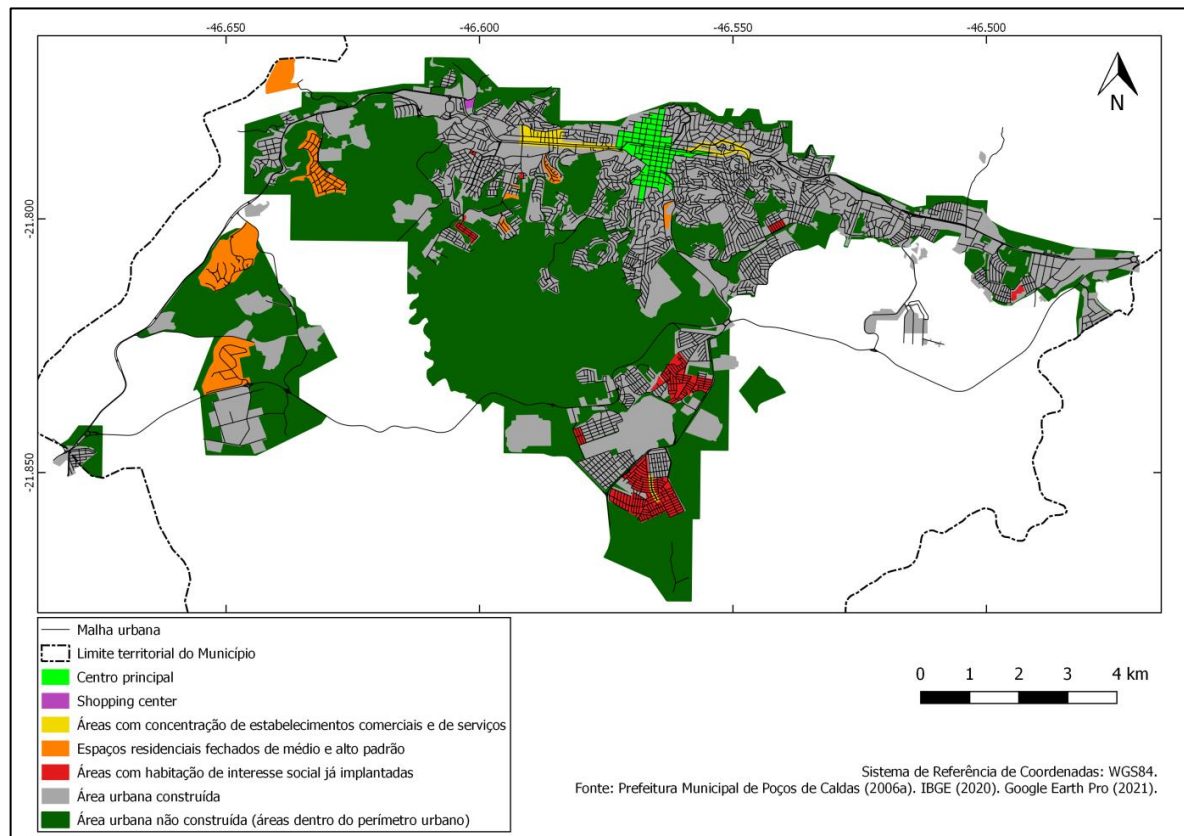


loteamentos foram uma iniciativa frustrada dos promotores imobiliários, já que a maioria dos terrenos ficou desocupada até 1970.

No que diz respeito às zonas periféricas formadas entre 1940 e 1970, estas foram ocupadas predominantemente pelas camadas populares. Havia menos processos especulativos nas periferias, estas sendo morfologicamente homogêneas compostas por vilas e bairros com lotes pequenos.

Após a década de 1970, observa-se que a produção do espaço urbano de Poços de Caldas deu-se de forma dispersa e fragmentada em função das implantações de programas de habitação de interesse social em áreas distantes e descontínuas sem ofertas de serviços para atender as populações, e pelas implantações de espaços residenciais fechados nas zonas periféricas. Dessa forma, evidenciou-se uma relativa multiplicação de áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços, acompanhando a segmentação dos mercados consumidores, segundo os diferentes padrões de consumo e mobilidade urbana. A reestruturação da cidade a partir de setenta intensificou o processo de segregação socioespacial (Figura 4).

Figura 4 - Poços de Caldas: Áreas centrais, espaços residenciais fechados e áreas com habitação de interesse social



Fonte: Silva (2021).



Observa-se, na Figura 4, que o território urbano se expandiu expressivamente desde a década de 1970. Conforme a análise do Plano Diretor (POÇOS DE CALDAS, 2006), até a década de 1990, a excessiva descontinuidade entre áreas parceladas e a numerosa quantidade de lotes vazios revelavam a expansão orientada pela especulação, isso considerando os elevados preços dos lotes e a dinâmica do mercado imobiliário. Em função desses processos especulativos, formaram-se vazios urbanos entre áreas densamente ocupadas.

Apesar de boa parte dos vazios urbanos terem sido ocupados nas últimas três décadas, ainda são encontrados terrenos vazios nos três eixos de expansão da cidade (oeste, leste e sul). Uma vez que esses terrenos estão em áreas dotadas de infraestruturas e apresentam fluxos contínuos de pessoas e mercadorias, seus valores se apresentam elevados no mercado imobiliário.

Figura 5 - Visão parcial da zona periférica oeste



Fonte: Volpi, R. (2008). Arquivo pessoal do autor (2019).

A Figura 5 mostra o desenvolvimento urbano da zona periférica oeste. A fotografia 1, registrada em 2008, revela um conjunto de lotes vazios rodeados por áreas densamente ocupadas por segmentos sociais de poderes aquisitivos variados. Uma década depois (fotografia 2), boa parte dos vazios foi ocupada por galpões e prédios residenciais, o que expõe o crescimento vertical nesse setor.

O quadro topográfico da zona periférica leste apresenta-se montanhoso. O crescimento urbano nessa direção se processou tanto sobre áreas de fundo de vale, nos eixos rodoviários, quanto sobre áreas mais declivosas. No macrozoneamento urbano vigente (POÇOS DE CALDAS, 2006), a porção sudeste do município é classificada como uma zona rural de proteção ambiental – ZRPA, pois nela estão dispostos os cursos d'água que deságuam na



Represa Saturnino de Brito⁴. Portanto, o sítio urbano e as condições hidrográficas apresentam certo grau de influência na ocupação, limitando a expansão urbana espalhada e a continuidade do tecido urbano no setor. Em função disso, a morfologia urbana da Zona Leste é estreita e prolongada, se comparada às demais zonas urbanas do município (Figura 6).

Figura 6 - Visão parcial: zona central, zona pericentral e zona periférica leste



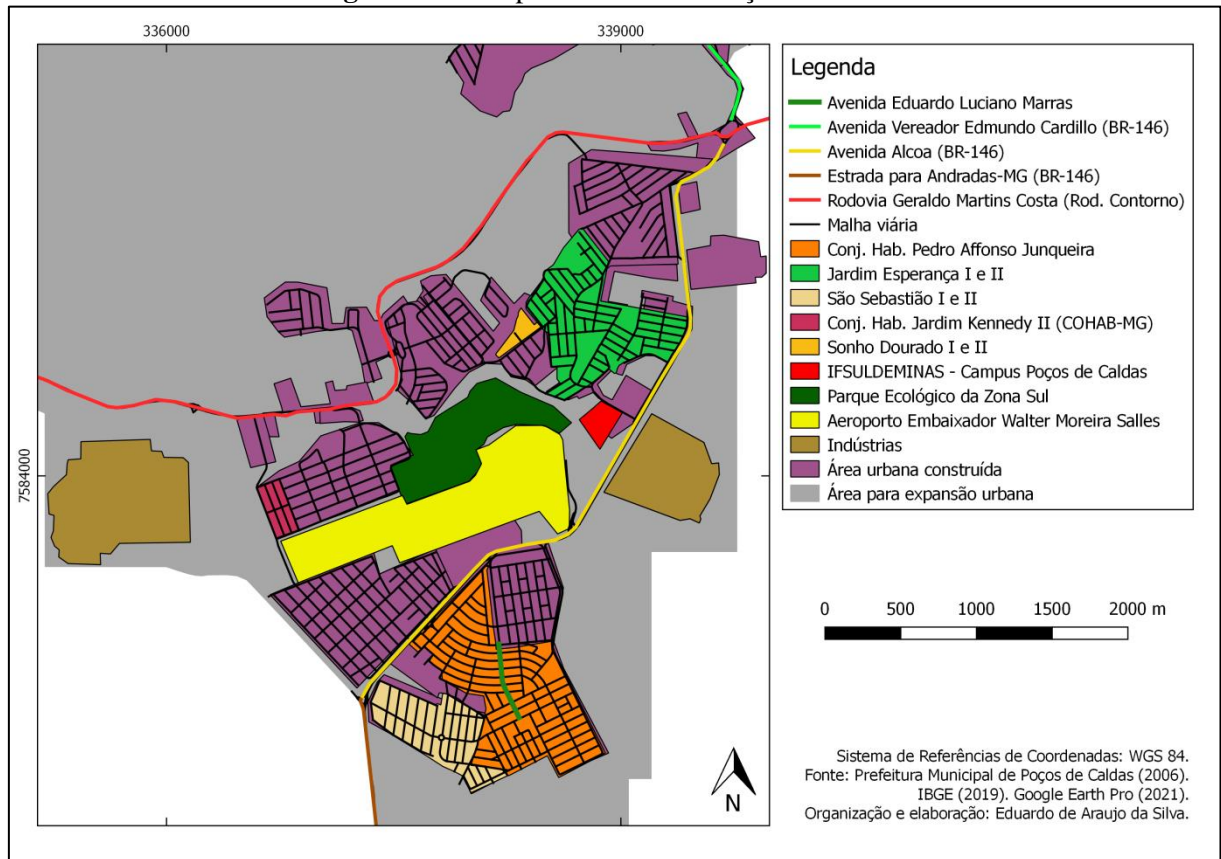
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2020).

Por seu turno, a zona periférica sul (Zona Sul) é morfologicamente descontínua do restante da malha urbana. A distância e descontinuidade do tecido urbano da Zona Sul com o restante da cidade, ao mesmo tempo, intensifica os impactos do processo de segregação socioespacial e evidencia a condição segregada do setor. A região só pode ser acessada por dois eixos rodoviários, sendo eles: BR-146 e rodovia Geraldo Martins Costa (também conhecida como Rodovia do Contorno) (Figura 7).

⁴ A Represa Saturnino de Brito, construída em meados da década de trinta, apresenta grande importância para o município, pois ela faz a regulação da vazão de cheias do Ribeirão (evitando inundações no centro principal da cidade) e também alimenta outra estação de tratamento de água (ETA I).



Figura 7 - Zona periférica sul de Poços de Caldas



Fonte: Silva (2021).

Em Poços de Caldas a zona periurbana estende-se por alguns quilômetros, sendo formada por um anel de sítios, fazendas, motéis, hotéis, casas de campo e outros equipamentos terciários pontuais.

É difícil diferenciar as áreas descontínuas (polinucleares) da zona periférica, das áreas de uso misto da zona periurbana. Ademais, desde o início do século XXI, há formações de territórios urbanos descontínuos na zona periurbana. Foram levantados espaços residenciais fechados equipados com sistemas de vigilância particular. Esses empreendimentos são destinados aos segmentos sociais de médio e alto poder aquisitivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estudar a forma urbana torna-se necessário apreender uma série de componentes fundamentais. Whitacker e Miyazaki (2012) listam: o plano urbano e a evolução do plano; as relações do plano com o sítio urbano; a homogeneidade e/ou a heterogeneidade nas formas de ocupação; densidade da ocupação; relação do edificado com o não edificado; e a fisionomia urbana (paisagem urbana). A análise relacional destes componentes promovem uma maior



compreensão da forma urbana, isso porque considera a relação dialética entre forma e conteúdo.

Em linhas gerais, a partir do estudo da forma urbana de Poços de Caldas foi possível apreender a relação dialética entre espaço e sociedade. Evidencia-se que a forma do sítio urbano mostrou-se mais determinante na forma urbana durante as primeiras décadas de formação e consolidação da cidade, mas com o crescimento urbano e econômico, a topografia ficou em segundo plano, em detrimento dos interesses e ações dos agentes políticos e econômicos.

Observa-se a justaposição de planos urbanos, propostos em diferentes períodos históricos. Essa justaposição de formas (e tempos) se expressa na heterogeneidade das áreas ocupadas. Há uma multiplicidade de paisagens urbanas, cada uma com seus conteúdos sociais, funções e estrutura.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Contribution à l'étude des villes moyennes au Minas Gerais – Formiga et le Sud-Ouest du Minas Gerais**. Tese (Doutorado em Geografia) - Université de Bordeaux III, Bordeaux. 1973. 361 f.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENA FILHO, Nelson de. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. p. 21-35.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENA FILHO, Nelson de. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2007. 200 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de Cidade Média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, v. 1, p. 23-33, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Cidades médias: temas para pesquisa. In: SILVA, William Ribeiro da; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **Perspectivas da Urbanização: Reestruturação urbana e das cidades**. Rio de Janeiro: Consequência, p. 209-214, 2017.

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO MINERAL - DNPM. **Projeto Sapucaí: Relatório final-geologia**. São Paulo, Vol. 1. 1977.

ELLERT, Reinholt. Contribuição à geologia do maciço alcalino de Poços de Caldas. **Boletim da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Geologia**, n. 18, p. 5-60, 1959.

FRAYHA, Gustavo Zarif. **Poços de Caldas polo mesorregional: ambiente, planejamento e qualidade de vida na articulação dos municípios da média mogiana paulista e do sul de**



Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Campinas, 2010. 216 f.

GEIGER, Pedro Pinchas; DAVIDOVICH, Fany. - Aspectos do fato urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia.** Ano XXIII abr/jun, n. 2. p. 263-362, 1961.

GOOGLE EARTH PRO. Versão 7.3.3.7786 (32-bit). Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/versions/>. Acesso em: 4 abr. 2021.

IEPHA-MG. **Parque Municipal Serra de São Domingos.**[2016]. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-acoess/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/94/bens-tombados-serra-de-s%C3%A3o-domingos>. Acesso em: 1 nov. 2019.

MARRAS, Stélio. **A propósito de águas virtuosas. Formação e ocorrência de uma estação balneária no Brasil.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MEGALE, Nilza Botelho. **Memórias históricas de Poços de Caldas.** Sulminas, 1990. 235p.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana: um estudo sobre cidades de porte médio na rede urbana paulista.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Paulista, Presidente Prudente, 2013. 305 f.

OLIVEIRA, Elias Mendes. **Dinâmica locacional das indústrias e a produção do espaço urbano em Poços de Caldas (MG).** Dissertação (Mestrado em Geografia)–Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012. 177 f.

OTTONI, Homero Benedicto. **Poços de Caldas.** São Paulo: Anhambi, 1960. 293 p.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Plano de Desenvolvimento Integrado de Poços de Caldas (1970/1971).** Cole, H.J. + Associados e CONSULTEC Sociedade Civil de Planejamento e Consultas Técnicas Ltda.: Rio de Janeiro, Vol. 2. 1971. Financiado por FINEP.

POÇOS DE CALDAS, Prefeitura Municipal de. **Revisão do Plano Diretor do Município de Poços de Caldas: diagnóstico preliminar.** Poços de Caldas: Exatus, 2006.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, p. 81-100, 1977.

SILVA, Eduardo de Araujo da. **(Re)produção do espaço urbano e segregação socioespacial em Poços de Caldas, Minas Gerais.** Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2021. 211 f.

SOARES, Beatriz Ribeiro. Pequenas e Médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão popular, v. 1, p. 461-494, 2007.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

XIV ENANPEGE
ESPAÇO DIGITAL

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, v. 1, p. 233-253, 2007.

WHITACKER, Arthur Magon. Uma discussão sobre a morfologia urbana e a articulação de níveis diferentes de urbanização. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão popular, v. 1, p. 139-156, 2007.

WHITACKER, Arthur Magon; MIYAZAKI, Vitor Koiti. O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, n. 2, p. 307-327, 2012.